

Desemprego tem menor taxa em dez anos, e ocupação bate recorde

MAIS AQUECIDO DO QUE O ESPERADO

EMPREGO NO SETOR PRIVADO BATE RECORDE

Taxa de desocupação é a menor desde 2014, e rendimento sobe

CAROLINA NALIN
nalin@globo.com

O mercado de trabalho está aquecido, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad) Continua que o IBGE divulgou ontem. O número de trabalhadores no setor privado foi recorde no trimestre encerrado em abril, com o emprego com carteira atingindo os maiores níveis da série histórica da pesquisa, iniciada em 2012. Além disso, a renda média do trabalhador cresceu 4,7% frente ao ano passado (R\$ 3.151).

A taxa de desemprego surpreendeu analistas que projetavam índice de 7,7%, ao ficar estável em 7,5%. Esta é a menor taxa de desocupação para o período desde 2014, com 8,2 milhões de brasileiros em busca de uma vaga.

Analistas de mercado que buscam excluir as oscilações típicas de cada trimestre (ajuste sazonal) calculam que a taxa teria recuado para 7,2% em abril.

Segundo Adriana Beringuy, coordenadora de Pesquisas Domiciliares do IBGE, fatores como a queda dos juros e da inflação têm contribuído para o bom desempenho do mercado de trabalho quando se compara com o ano passado. São 100,8 milhões de ocupados, o maior número da série histórica.

Outro fator é a informalidade, que é muito significativa na composição da população ocupada no país, e tem ficado estável nos últimos trimestres. A forma de inserção que tem crescido é a dos trabalhadores formais.

ECONOMIA MAIS FRACA

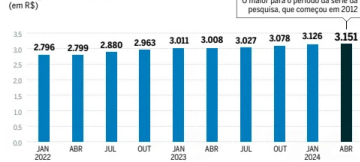
Na visão de economistas, os dados positivos apresentados pelo IBGE e pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho (leia mais abaixo), confirmam o cenário de aquecimento do mercado de trabalho no primeiro semestre em linha com a atividade econômica. Por outro lado, a alta dos salários pode fazer o Banco Central manter os juros altos por mais tempo. Com mais renda disponível, aumenta o consumo e isso pode ter reflexo nos preços.

É positivo para o trabalhador, mas isso impõe alguma restrição à política monetária — afirma Fernando de Barbosa Holanda Filho, pesquisador da área de Economia Aplicada do FGV Ibre.

A MOVIMENTAÇÃO NO MERCADO



O avanço do rendimento



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad) Continua, do IBGE

RECORDES

São **100,804 milhões** de pessoas trabalhando

O número de empregados com carteira de trabalho chegou a **38,188 milhões**

Número de empregados (excluindo conta própria, empregador e servidores públicos) chegou a **69,865 milhões**

EDITORIA DE ARTS

Essa também é preocupação de Claudia Moreno, economista do C6. Com o mercado de trabalho mais aquecido, os empregadores devem reajustar os salários acima dos ganhos de produtividade e repassar aumento de custo aos preços. Por isso, o mercado de trabalho deve pressionar a inflação de serviços, que por enquanto tem se mantido comportada, apesar de as previsões estarem subindo, como observou economista.

A contínua piora das expectativas de inflação pode levar a autoridade monetária a pausar o ciclo de cortes no atual patamar de 10,5% ao ano. Holanda afirma que o resultado chamou atenção ao apontar um mercado de trabalho forte para o período de fevereiro a abril, época tradicionalmente fraca para criação de vagas. Mas ele ainda vê com

Números têm impacto na Bolsa

O Ibovespa fechou em queda ontem de 0,87%, aos 122.707 pontos, como reflexo de uma série de fatores, que incluem os resultados do mercado de trabalho brasileiro mais aquecido, acima das expectativas

dos analistas. Para Luís Moran, da EQ Research, os investidores aguardam também divulgação dos dados americanos hoje e sexta-feira para tomarem posições.

Hoje, será divulgado o PIB americano do primeiro trimestre e amanhã o governo divulgará o índice de gastos de consumidores, acompanhada

do pelo Federal Reserve (Fed, banco central americano), para decidir os juros.

O dólar subiu para R\$ 5,2083, maior patamar desde 18 de abril. Segundo Alexandre Viotto, da EQ Investimentos, se esses indicadores americanos vierem fortes, o dólar deve voltar a subir.

Os bons números do mercado de trabalho brasileiro e os resultados fiscais (leia mais na página 16), que ficaram aquém do esperado, fizeram os juros futuros subirem ontem. A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2025 subiu de 10,37% para 10,415% (Paulo Renato Nepomuceno com valor)

cautela a continuidade desta melhora nos próximos meses. O mercado formal mostra uma nova dinâmica depois da saída da crise da pandemia. Mas gerar

muito emprego e de forma consistente depende do PIB. As expectativas (para economia) já eram de desaceleração, e a tragédia no Rio Grande do Sul deve ter algum impacto no ni-

vel de emprego e no PIB.

Tatiana Pinheiro, economista-chefe de Brasil da Galapagos Capital, diz que parte desse movimento pode ser explicado pela política fiscal expansionista, reajuste real do salário mínimo, pagamento de precatórios (dívidas da União sem possibilidade de recurso na Justiça) e retomada gradual dos serviços prestados às famílias, mais intensivos em mão de obra.

Para os próximos meses, ela espera estabilidade tanto na criação de vagas quanto na taxa de desemprego.

A perspectiva é que isso se estabeleça, não falte de piora do mercado. Mas, se a Taxa Selic (juros básicos da economia) estacionar em 10,5% ao ano, será uma política monetária apertada e em algum momento isso vai ter impacto no mercado de trabalho, provavelmente no fim do ano.

COMÉRCIO DEMITE MENOS

Para Adriana Beringuy, a estabilidade da taxa de desemprego em abril é um sinal positivo para o mercado de trabalho. Contribuiu para esse movimento a redução no número de dispensas no comércio, movimento mais forte no primeiro trimestre. Além disso, segundo Adriana, foi observado um aumento da ocupação na administração pública, saúde e educação. E neste período que são recontraçados os profissionais da educação pública, sobretudo do ensino fundamental, explica.

Os elementos que contribuíram para o aumento da taxa no primeiro trimestre perderam força agora.

O número de empregados com carteira de trabalho no setor privado chegou a 38,1 milhões, atingindo o maior contingente desde 2012. Houve estabilidade no trimestre e alta de 3,8% (mais 1,4 milhão) no ano.

Também bateu recorde o número de trabalhadores sem carteira no setor privado, com 13,6 milhões de brasileiros nesta forma de inserção no mercado. Foi registrada estabilidade no trimestre e alta de 6,4% (mais 813 mil pessoas) no ano.

A renda média do trabalhador ficou em R\$ 3.151 no trimestre encerrado em abril, uma alta de 4,7% na comparação com o mesmo período do ano passado. Com o resultado, a massa salarial —soma dos ganhos de todos os trabalhadores do país— chegou a R\$ 313,1 bilhões mensais, novo recorde da série histórica.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 13